



INJUSTIÇA Protesto por cotas em Nova Délhi, em 2012: as castas mais baixas da Índia nem sempre foram favorecidas

UMA BOA COTA DE FATOS

O economista americano Thomas Sowell faz um extenso levantamento das políticas de ação afirmativa que, em vários países, pretendem melhorar a vida de minorias **EDUARDO WOLF**

NO INÍCIO DO ANO, o sociólogo José de Souza Martins deveria ter proferecido a aula magna da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Professor emérito da instituição, Martins teve a palavra cassada por alunos militantes do movimento negro que acusavam a USP de “elitista” e “racista” e exigiam a implementação de cotas raciais. Episódios de violência política na universidade envolvendo questões ligadas às cotas raciais têm sido frequentes. O

que vem sendo raro na discussão sobre o tema é a informação qualificada. *Ação Afirmativa ao Redor do Mundo*, do economista americano Thomas Sowell, não apenas supre uma importante lacuna na bibliografia sobre o tema como pode servir de inspiração para estudos semelhantes no Brasil.

Economista de formação e pesquisador do Instituto Hoover, da Universidade Stanford, Sowell é uma conhecida figura no debate público americano — um intelectual negro que acusa o caráter pernicioso dos discursos de vitimização das minorias. Seu livro, como anuncia o subtítulo (“Um estudo empírico sobre cotas e grupos preferenciais”), volta-se para os fatos concretos, ou seja, para as políticas já efetivamente implementadas e suas consequências, em vários países (dos Estados Unidos ao Sri-Lanka, passando por Índia, Malásia e Nigéria).

O quadro que emerge desse apinhado histórico e estatístico mostra quão complexa é a questão. Ao analisar o caso da Índia, o país que “tem tido políticas de ação afirmativa por mais tempo que qualquer outra nação” (iniciadas no período da colonização britânica), vemos como o reconhecimento de uma injustiça — a discriminação contra a casta dos “intocáveis”, por exemplo — e a adoção de políticas de cotas para dirimir o problema podem ter efeitos adversos. Uma nação em que as quatro castas clássicas da religião hindu se subdividem em “milhares de castas e subcastas locais” certamente teria dificuldade em equalizar a distribuição de vagas no sistema de ensino ou de postos de trabalho. Como na Índia as cotas valem tanto nacionalmente como por região, o resultado é muito frequentemente a distorção: no Estado de Haryana, os *chamars*, um dos grupos dos “intocáveis” beneficiados, detinham 65% de todas

Houve progresso real na vida de quase todos os grupos atendidos pelas cotas

as bolsas escolares, ao passo que outros dezoito grupos de intocáveis não ganhavam nem uma única bolsa.

Em meio a todos os resultados que Sowell identifica, há duas constantes. Primeiro, o fato de que, em todos os lugares em que as políticas de cotas trouxeram reais benefícios aos grupos que pretendiam atender, a melhoria nas condições de vida dos membros do grupo já se verificava em períodos que precediam a adoção de tais políticas. Na Malásia, por exemplo, a política de preferências para os *bumiputeras* (os “filhos da terra”) coincidiu com taxas de crescimento econômico na média de 6,7% entre 1971 e 1990. Nos Estados Unidos, país que, mais que qualquer outro, serve de inspiração por suas ações afirmativas, o índice de famílias negras que viviam abaixo do nível de pobreza em 1940 era de 87%. Em 1960, esse número caiu para 47%. Um impacto altamente positivo,

portanto, precedeu a adoção das ações afirmativas de perfil racial e de gênero, introduzidas especialmente em 1971 pelo governo do republicano Richard Nixon. Segundo, em todos os casos estudados por Sowell, a implementação das cotas vem acompanhada de um prazo para encerramento (é também o caso da lei brasileira de 2012). Ocorre que, uma vez instituída a política, ela tende a permanecer indefinidamente, tornando ainda mais difícil a tarefa de análise de seus efeitos. Não é um problema específico das cotas: tributações provisórias e outras leis supostamente temporárias também tendem a se eternizar.

Se é verdade que os dados não permitem provar que as políticas de cotas são as únicas responsáveis pelos resultados positivos das minorias que deveriam beneficiar, também é um fato objetivo que houve progresso real na vida desses grupos na quase totalidade dos casos examinados. E, se devemos, como quer o próprio Sowell, deixar de lado os argumentos puramente teóricos sobre as cotas, resta a pergunta: sem as cotas, como ficam os indivíduos que, de outro modo, não teriam acesso a uma vaga na universidade ou no mercado de trabalho? Considerar apenas os efeitos do crescimento econômico e de melhorias no padrão de ensino é vago e insuficiente. De outro lado, enquanto se recusa a avaliação objetiva dos resultados dessas políticas, as verdadeiras razões para as distorções sociais vão sendo escamoteadas e as tensões na vida social vão se acirrando. O Brasil é um bom exemplo: as salas de aula de nossas universidades podem viver um período de conflagração em nome das cotas raciais, mas qual foi o avanço em educação básica que fizemos nos últimos 25 anos? Sowell ensina que é preciso questionar essa situação — sem ser tachado de racista. ■



AÇÃO AFIRMATIVA AO REDOR DO MUNDO, de Thomas Sowell (tradução de Joubert de Oliveira Brizida; É Realizações; 272 páginas; 59,90 reais)



APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E LEIA TRECHO DO LIVRO